

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE ARQUIVOLOGIA

Cristal Magalhães da Rocha

Estudo sobre os acervos dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira:
documentação pessoal dos veteranos e sua difusão.

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE ARQUIVOLOGIA

Cristal Magalhães da Rocha

Estudo sobre os acervos dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira:
documentação pessoal dos veteranos e sua difusão.

Monografia elaborada como requisito para conclusão
do Curso Arquivologia da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Mes. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre

2010

DEDICATÓRIA

Para Joel Silveira (*In memoriam*), Francisco Ferraz e Ricardo Bonalume Neto.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Eduardo, por sempre ser mais que um amigo, ser um apoio em todos os momentos, a ajuda nas horas difíceis e as risadas nas agradáveis. Obrigada por atender o celular muito cedo pela manhã ou nas madrugadas quando eu tive dúvidas. Uma amizade que cada dia demonstra ser mais especial do que eu poderia imaginar. Sei que este trabalho não teria se concretizado sem o seu apoio não apenas neste último semestre, mas ao longo dos quatro anos do curso.

Agradeço a Izabel, minha mãe e Altagracia, minha vó, por serem sempre dois exemplos de independência e capacidade. Através destes modelos sei que tive forças para iniciar e continuar minha jornada acadêmica, além de sempre ter um porto seguro aonde retornar.

Agradeço minha orientadora Marlise Giovanaz, por seus conselhos sempre pacientes para uma formanda aflita, suas aulas ao longo do curso e inspiração para seguir a carreira acadêmica. Sei que seu apoio foi fundamental para a construção de um trabalho em uma temática pouco abordada arquivisticamente.

E ainda agradecer a todos aqueles cujos nomes não constam aqui, mas que de alguma forma me ajudaram, seja em uma conversa informal ou em uma tomada de decisão. Obrigada a todos estes, vocês fazem parte também.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a mostrar a passagem dos acervos pessoais dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira para o público, em especial no Museu General Mascarenhas de Moraes. Apresenta-se aqui opções de história e memória para um entendimento mais amplo, mais do que observar um documento arquivisticamente. O trabalho apresenta uma visão panorâmica do Museu e seus objetos e adentra mais detalhadamente nos documentos pessoais e suas tipologias. Encerra falando das várias opções de difusão para a temática da Segunda Guerra Mundial e a reflexão de idéias do que pode ser feito no Museu em São Gabriel.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo Pessoal. Segunda Guerra Mundial. Força Expedicionária Brasileira. Difusão.

ABSTRACT

This work propose to show the passage from the personal archive from the veterans from the second world war to the public, in special from the museum General Mascarenhas de Moraes. Here there are the propose of some ideas of history and memory for a much more bigger understanding, more then just see a document as an archivist. The work shows a panoramic view from the museum and his objects and gives more details from the documents and tipology. The work is close with many options of diffusion for the second world war and some consideration of ideas of what can be done in the museum General Mascarenhas de Moraes.

KEY-WORDS: Personal Archive. Second World War. Brazilian Expeditionary Force. Diffusion

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	13
2.1 Memória.....	15
2.2 Acervo e sua relação com a Memória.....	20
3 HISTÓRICO DO ACERVO.....	22
4 DIAGNÓSTICO DOS DOCUMENTOS DO MUSEU	27
4.1 Relação dos Documentos com a Memória.....	31
5 DIFUSÃO EM INSTITUIÇÕES DETENTORAS DE ACERVOS.....	35
5.1 Difusão e Marketing em Arquivologia	36
5.2 Difusão em Segunda Guerra Mundial sobre Acervos Pessoais	37
5.3 Difusão no Museu Mascarenhas de Moraes em São Gabriel - RS	39
6 CONCLUSÕES	41
REFERENCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática da Segunda Guerra Mundial surgiu durante minha vida escolar quando, frequentemente, visitava a biblioteca da escola para pesquisar a respeito desse tema que se apresentava instigante. Estava sempre em busca de relatos de jornalistas que estiveram na Itália cobrindo a participação do Brasil. Procurava encontrar em seus livros e registros as percepções de quem de alguma forma lutou nos combates. Junto a esta busca, os jornais e documentos produziam enorme fascínio por contar histórias de importantes participações nos conflitos e reavivar as memórias. O sentimento de mal-estar pelo descaso e mau uso daqueles documentos já trazia o indicativo do interesse pela Arquivologia, com grande vontade de estar mais em contato com este material. Ao ingressar primeiramente no curso de graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) continuei envolvida com a temática da Segunda Guerra, imaginando a possibilidade de vir a me tornar professora acadêmica e lecionar em disciplinas voltadas à área. Resolvi tornar-me arquivista e meus anseios e curiosidades pela Segunda Guerra me acompanharam ao longo dos quatro anos do curso. O interesse pela participação do Brasil levou-me a frequentar a Associação dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) estabelecendo comunicação com os membros, seus acervos e histórias. O maior dos acervos doados por veteranos no Estado do Rio Grande do Sul é o do Museu Mascarenhas de Moraes, localizado na cidade de São Gabriel. Lá, seria possível ter acesso aos documentos que muitos dos ex-combatentes já não possuíam mais. A possibilidade de encontrar este acervo seria passível de me colocar como uma formanda em Arquivologia, capaz de observar os méritos e falhas do acervo e conhecer a história destes homens através de seus documentos.

Para que haja um entendimento sobre o contexto da produção dos documentos e acervo que serão tratados ao longo deste trabalho, julguei importante uma pequena introdução do que foi este conflito bélico.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, os países do Eixo pretendiam recuperar a soberania que lhe fora tirada ao término da Primeira Guerra Mundial. Em função disto, a Segunda Guerra foi o primeiro conflito mundial, englobando todos os continentes e mobilizando praticamente todos os cidadãos,

militares e civis. Segundo Hobsbawm (2008, p.51), “[. . .] a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria [. . .]”. Neste momento o Brasil vivia em um regime ditatorial comandado pelo presidente Getúlio Vargas, que desde o início da guerra mostrava-se neutro, mesmo que fosse de conhecimento geral sua simpatia pelo Eixo e seus regimes ditatoriais. Francisco Ferraz (2005, p.16) nomeia a relação entre Brasil e os países participantes do conflito como uma “diplomacia ambígua”, na qual o interesse financeiro definiu a participação do país na Guerra. Em 1942, o Brasil concorda em ceder suas bases aéreas para os militares americanos, rompendo sua neutralidade. No mesmo ano, navios brasileiros são bombardeados por torpedos alemães, fazendo com que a população se envolvesse diretamente no conflito. Através de pressões populares os governos dos Estados Unidos e Brasil firmam um acordo para o envio de brasileiros para o teatro de operações na Itália, criando-se então a Força Expedicionária Brasileira. Segundo Ferraz (2008, p.16), “[. . .] o número de voluntários foi pequeno: pouco mais de mil homens, em um contingente de vinte cinco mil selecionados.”

Certamente, um homem que vai para um conflito armado, defender uma “causa” que nem compreende ou que não julga sua, sem saber se voltará, não retornará o mesmo. Ele, muitas vezes, desconhece as razões pelas quais se forma um exército e a luta armada. Ele apenas sabe que deve defender o seu país, além das consequências que esta defesa pode causar. Oferece a própria vida em troca da concretização dos preceitos propostos pelo estado. Em razão disto, os combatentes que voltaram ao Brasil ao término da guerra passaram de Febianos (membros da Força Expedicionária Brasileira) a Veteranos. Troca-se o título e ficam as memórias. Eles voltaram com histórias, objetos recolhidos e adquiridos, documentos, cartas, utensílios pessoais e precisavam dar um destino a todo este material tão cheio de lembranças e vivências. Primeiro surgiram as Associações dos Veteranos da FEB, meio pelo qual estes homens se mantem ligados em razão de sua vivência e as histórias destas. Cada estado possui suas Associações, espalhadas por diversas cidades, tendo cada uma suas particularidades, encontros e atividades. Em sequência, foram criados os museus, com a finalidade de abrigar muitos artefatos bélicos que chegaram ao Brasil junto com os pracinhas, como tanques e armamento. Além da exposição destes objetos, os museus também começam a exhibir os artigos pessoais dos veteranos, como cartas e uniformes. Abre-se espaço

também, devido ao grande interesse pelo tema, para coleções particulares e bibliotecas especializadas, além das publicações dos artigos dos correspondentes de guerra em formato de livros.

Nas páginas que se seguem, tentar-se-á apresentar de forma mais clara os processos de passagem destes acervos de veteranos da FEB para o âmbito público, isto é, para a guarda de instituições que organizará e exporá estes acervos. O trabalho estará constituído de quatro grandes partes, onde serão abordados temas fundamentais para dar conta desta mudança de *status* dos acervos. As partes são as seguintes:

a) a primeira parte estará voltada a fundamentação teórica que deu as bases para a abordagem dos materiais que constituem o acervo pesquisado. Nesta parte serão apresentadas duas ideias que visam a consistência de um conceito, a saber, na primeira parte as formas de desenvolvimento e escrita da história; em segundo, serão trabalhadas as ideias de memória como um processo de produção de conhecimento baseado em acontecimentos passados e a relação que este último, a memória, estabelece para funcionar ao entrar em contato com materiais históricos;

b) na segunda parte, apresentamos uma descrição com histórico e diagnóstico do Museu Mascarenhas de Moraes. Esta descrição compreenderá a apresentação do espaço físico, do acervo, do histórico da constituição do Museu, bem como a apresentação de algumas reflexões a cerca das condições da instituição e do acervo lá mantido;

c) na terceira parte será retomada de forma mais específica e cuidadosa a relação entre a memória e as fontes materiais, neste caso os documentos disponíveis no museu e;

d) fechando o trabalho, teremos a apresentação dos diversos níveis de difusão, como este tema pode ser pensado para o caso do momento histórico da Segunda Guerra Mundial, como ocorre a difusão no Museu de São Gabriel, bem como as possibilidades práticas para o melhoramento da difusão no caso do Museu Mascarenhas de Moraes.

Existe uma farta literatura a respeito dos feitos brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, com muitos relatos de veteranos, porém verifica-se a ausência de material no que diz respeito a seus acervos pessoais, a documentação gerada na Itália e no Brasil dentro desta temática. Procurou-se, de alguma forma, por meio

deste trabalho, adentrar em um universo ainda obscuro, que são os acervos dos veteranos. Assim, a Força Expedicionária Brasileira foi escolhida como objeto principal para a elaboração deste trabalho, o mote da pesquisa foi realizar uma avaliação da instituição que mantém o acervo, bem como se este cumpre o papel social em potencial. Para tanto, fez-se necessária uma pesquisa de campo para colher metodicamente os dados necessários.

Como supracitado, optou-se por trabalhar com o caso específico do Museu Mascarenhas de Moraes, localizado no município de São Gabriel, por ser o museu que apresenta a maior diversidade documental e museológica a respeito dos veteranos da FEB no Rio Grande do Sul. Cabe ressaltar que este museu foi criado na cidade natal do General Mascarenhas de Moraes, que liderou a FEB. A maioria das doações de acervos pessoais de veteranos do estado do Rio Grande do Sul concentram-se neste local.

O material existente no Museu Mascarenhas de Moraes¹ faz referência a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O presente trabalho visa apresentar as condições em que se encontram os acervos a respeito do referido episódio supracitado e a partir desta análise indicar as possibilidades de produção historiográfica, de memória, apresentando como base concepções teóricas da Arquivologia.

Este trabalho visa englobar a contextualização histórica do período em que o Brasil serviu durante a Segunda Guerra, e também apresentar os conceitos sobre a memória, construção de memória coletiva através dos febianos, assim como contextualizar arquivos privados, formas arquivisticamente corretas.

O trabalho ainda se propôs a traçar um panorama desde o nascimento do museu em São Gabriel, até os dias de hoje, incluindo um diagnóstico desta instituição, assim como trazer um eixo de ligação entre as três áreas afins da Ciência da Informação, a saber, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, já que o museu propõe-se a oferecer estes três tipos de acervo.

¹ A instituição localiza-se no município de São Gabriel, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente 321km da Capital.

Pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade. (BELOTTO, 2006, p. 266).

Tendo em vista o caminho traçado por esta pesquisa e as palavras de Belotto citas abaixo, que pontuam a necessidade de estudar os acervos dos veteranos, parece fundamental para as diversas áreas de produção de conhecimento o desenvolvimento de trabalhos que busquem dar conta dos problemas e potenciais de acervos como o que foi objeto deste estudo.

2 HISTÓRIA E MEMÓRIA

A produção historiográfica, apesar de estar pautada por fontes materiais não é determinada por estas ou por uma suposta objetividade contida nas fontes, mas sim pela forma como tais fontes são organizadas e dispostas ao longo do processo de produção. Ou seja, a história pode ser constituída enquanto disciplina e não como processo unívoco da “Realidade” acontecida. Assim, a abordagem do material disponível para tal produção teórica não determina o resultado de tal produção. Se nos ativermos às lições de Michel Foucault (1999) no curso ministrado na sua cátedra de História dos sistemas de pensamento no Collège de France, entre os anos de 1975 e 1976, intitulado “Em defesa da sociedade”, ficam claras as vicissitudes da produção historiográfica segundo os meios e objetivos com que os dados são utilizados na produção de um discurso legítimo acerca de um fenômeno específico.

No referido curso ministrado por Foucault, ele aborda, principalmente, três tipos de formas de escrita da história segundo os objetivos visados pelas distintas escritas. Em um primeiro momento, nos é apresentado o que o autor chama de história de estilo clássica ou Greco-romana, isto é, uma história que tem como foco de sua produção a vida e os feitos dos grandes estadistas e, por extensão, as glórias do Estado enquanto instituição legítima, ou seja, a história é algo digno de grandes personalidades e busca ressaltar a continuidade das glórias estatais com vistas a legitimar sua existência. A história é apresentada pelo autor como a continuidade de fatos ao longo do tempo, uma visão continuísta dos diversos processos que se desenrolam ao longo do tempo. Em um segundo momento, nos é apresentado o que o autor chama de contra-história. Esta, por sua vez, é apresentada como um discurso histórico que visa deslegitimar a visão continuísta de história até então feita pelos impérios. Esta visão emana de uma concepção acerca do tempo fragmentada pelas glórias descritas como contínuas no tipo de história anterior, ou seja, pelas derrotas e perdas que sofreram ao longo da construção dos grandes impérios. Este tipo produção historiográfica emana de uma tradição bíblico-judaica, segundo Foucault (1999), e se digladiará com a outra perspectiva no decorrer da Idade Média e Moderna, com vistas a estabelecer bases legítimas para

a tomada do poder a partir da aliança com os Estados. Em um terceiro momento, no final da modernidade, Foucault aponta o surgimento de um terceiro tipo de discurso, que ele denominará de a-histórico. Este é o discurso produzido pela nova classe emergente no cenário econômico desta época, a saber, a burguesia. Denominado a-histórico porque a classe que mobilizará ele para seus fins não tem uma história a qual possa reivindicar como legítima diferentemente das duas primeiras produções. Então, a mobilização da produção da história é feita com vistas a sua negação e, assim, deslegitimar qualquer tipo de produção que venha a reivindicar sua legitimidade na arena de disputas a partir de uma tradição estabelecida ao longo do tempo.

O objetivo de apresentar estas três formas de escrever a história é mostrar que a partir de uma mesma base de informações e fatos as construções possíveis são muito variadas. Assim, quando tratamos com as fontes informacionais pelas quais a escrita da história se fará, devemos ter em conta que a grande objetividade destes materiais está nas múltiplas formas que ele apresenta de situações específicas. Com isso, todo tipo de memória que se produzirá a partir destas leituras históricas também se apresentará de forma multifacetada e que pode variar segundo níveis, principalmente, dois: um que dirá respeito a rememoração de situações particulares/pessoais no âmbito de ações de maior porte, como o caso de alguns tipos de objetos contidos no acervo apresentado neste trabalho, outro em que, dependendo da sistematização destes mesmos materiais e outros, servirá para construção de um panorama da situação onde eles se inscreveram, daí, então, teremos um nível, digamos assim, onde se passa a tratar de uma situação coletiva. Assim, pressupor a neutralidade das fontes documentais apresenta-se como um perigo tanto para a produção historiográfica quanto para o tratamento arquivístico pelo qual ele deverá passar para integração ou constituição de um acervo. Segundo Meneses,

[. . .] muitos historiadores almejavam purificar o artefato de toda retórica, para chegar ao grau zero do objeto, idêntico a si próprio. [. . .] Com efeito, o artefato neutro, asséptico, é ilusão, pelas múltiplas malhas de mediações internas e externas que o envolvem, no museu, desde os processos, sistemas e motivos de seleção (na coleta, nas diversificadas utilizações), passando pelas classificações, arranjos, combinações e disposições que tecem a exposição, até o caldo de cultura, as expectativas e valores dos visitantes e os referenciais dos meios de comunicação de massa, a *doxa* e

os critérios epistemológicos na moda, sem esquecer aqueles das instituições que atuam na área, etc. (MENESES, 1998, p. 98.).

Ao traçar os caminhos por todas as redes citas do excerto acima e perder o grau zero que nunca teve, o objeto é apresentado segundo, como refere Meneses, os critérios epistemológicos em voga, isto em um primeiro momento. Este mesmo objeto terá um segundo tratamento epistemológico no momento em que servirá de fonte informacional material para escrita da história. Apresentadas de forma sucinta as vicissitudes do tratamento, organização e apresentação de acervos, e assim, quando estes acervos colocam em contato duas disciplinas, a História e a Arquivologia e suas diferentes formas de entender estes objetos e como eles implicam a escrita historiográfica que, em boa parte, dá sustentação para o que podemos entender por memória neste trabalho.

2.1 Memória

Ao trabalhar com o conceito de memória deve-se levar em conta os diversos conteúdos assumidos por esta idéia ao longo do tempo. Parte-se do pressuposto de que conhecimentos passados não são somente conhecimentos do passado. O conhecimento passado pode adquirir um novo aspecto por dispor-se de algum tipo de informação que retomada em um novo contexto e/ou época estabelece novas relações entre esta informação e as formas de produção de conhecimento.

A memória, enquanto conceito, apresenta-se com conteúdos diversos. Na sequência, são apresentadas algumas das formas com as quais este conceito foi constituído pela história e filosofia.

O primeiro desenvolvimento desta ideia de memória partiu de Platão, ao dizer em um primeiro momento que a memória é retentiva, ou seja, se possui o conhecimento acerca de algo, mas que este se mantém inconsciente necessitando de um estímulo exterior para ser reavivado. Em um segundo momento o autor mostra outra face que a memória também pode ser entendida como reminiscência

ou recordação, tais denominações referem-se ao conceito de que a memória seria então um resgate do passado, passível de ser atualizado quando necessário.

Aristóteles por sua vez, dá amplitude aos conceitos inicialmente desenvolvidos por seu mestre Platão. A contribuição mais importante de Aristóteles neste conceito é de que a sua manifestação, na forma de recordação, é ativo e deliberado, ou seja, de escolha, enquanto que a retentiva é decorrente de um movimento. Por exemplo, ao ouvir uma música que remete a uma lembrança de algo vivido no passado e que deixou uma marca intensa em que a viveu, tanto que esta música não traria tal efeito, pois a pessoa não a ouviu com a intenção de trazer tal lembrança.

Percebe-se que durante a Idade Média estes conceitos filosóficos acerca da memória transformaram-se, porém sua essência continuou em suma a mesma. Uma real modificação se dá a partir da modernidade, onde outros pensadores propuseram novos conteúdos para o conceito. Na história da filosofia contemporânea, temos a idéia de Husserl que entende a memória como:

As coisas podem ser vivenciadas não só na percepção, mas também na recordação e nas representações afins à recordação. [...] A essência dessas vivências pertence a importante modificação que, do modo de atualidade, transporta a consciência para o modo de inatualidade, e vice-versa. (ABBAGNANO, 1998)

A relação que Husserl estabelece para o entendimento e funcionamento do conceito entre percepção e representação e destas duas categorias com as de atualidade e inatualidade da memória se dão devido a sua orientação fenomenológica para o entendimento da produção de conhecimento pelo homem.

O contemporâneo de Edmund Husserl, o pensador francês Henri Bergson, propõe outra forma de entendimento acerca da memória, que a mesma não consiste na regressão do presente para o passado, mas, ao contrário, no progresso do passado para o presente (ABBAGNANO, 1998). Ao entender memória como um processo de vinda do passado ao presente Bergson mostra que este conhecimento

mesmo que passado não deixou de ser real, mas sim, virtual², ou seja, ele não se contrapõe a idéia de atual, ao atualizarmos este conhecimento retoma seu estatuto de realidade do momento presente.

Com estas considerações, é possível adentrarmos na seção seguinte onde abordaremos, mais especificamente, a questão da relação entre memória enquanto faculdade de produção de conhecimento baseada em conhecimentos passados e a materialidade dos objetos históricos contidos em um acervo.

Bergson apresenta a memória, em linhas gerais, como uma faculdade de conhecimento que se fundamenta em um conhecimento passado. Em oposição a Bergson, temos o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), que em sua obra, intitulada *Memória Coletiva*, apresenta uma concepção de memória que extrapola os limites do indivíduo. Como membro da segunda geração da escola sociológica francesa fundada por Durkheim, Halbwachs entende a memória como um entidade *sui generis*, assim como seu mestre identificava a sociedade com tal caráter, isto é, como algo exterior a massa de indivíduos e se apresenta com leis próprias que divergem das que existem no âmbito das consciências tomadas separadamente. Assim, Halbwachs apresenta algumas distinções fundamentais entre tipos de memória, e estas são fundamentais para a compreensão do que vem a ser memória para além do indivíduo.

Em um primeiro momento, Halbwachs (1990) faz a distinção entre memória individual e memória coletiva. A primeira, está ligada diretamente aos acontecimentos vividos por quem lembra. Tem o caráter de experiência vivida, mesmo que o autor ressalte que nenhuma experiência individual seja totalmente individual, pois nosso olhar — e conseqüentemente, as lembranças que construiremos a partir deste olhar — sempre é atravessado e orientado por diversos grupos sociais dos quais fazemos parte. O sociólogo fala ainda que

[. . .] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós

² Bergson, assim como outros filósofos franceses que o sucederam, Deleuze, Derrida, Foucault, etc., não usa o conceito de virtual como oposto ao real, mas sim, como real em potência, desta forma o virtual se opõe ao atual, isto é, para tornar-se real, em fato, basta que seja atualizado. Assim, os procedimentos mobilizados pela memória ao produzir um conhecimento baseado no passado, conseqüentemente, atualiza este.

estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. Chego pela primeira vez a Londres, e passeio com várias pessoas, ora com um ora com outro companheiro. Tanto pode ser um arquiteto que atrai minha atenção para os edifícios, suas, proporções, sua disposição, como pode ser um historiador: aprendo que tal rua foi traçada em tal época, que aquela casa viu nascer um homem conhecido, que ocorreram, aqui ou lá, incidentes notáveis. Com um pintor, sou sensível à tonalidade dos parques, à linha dos palácios, das igrejas, aos jogos de luz e sombras nas paredes e as fachadas de Westminster, do Templo, sobre o Tâmsa. Um comerciante, um homem de negócios, me arrasta pelos caminhos populosos da cidade; detenho-me diante das lojas, das livrarias, dos grandes estabelecimentos comerciais. Mas mesmo que eu não tivesse caminhado ao lado de alguém, bastaria que tivesse lido descrições da cidade, compostas de todos esses diversos pontos de vista; que me tivessem aconselhado a examinar tais de seus aspectos ou, simplesmente, que dela tenha estudado a planta. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

A segunda, memória coletiva, diz respeito aos acontecimentos nos quais os indivíduos estão imersos, mas, que não fazem parte diretamente da sua história de vida. Um indivíduo não pode desligar sua história de vida da situação econômica ou política de seu país. No entanto, as formas e intensidade com que estes atingem sua trajetória variam de diversas formas e, na maioria das vezes, ele só toma partido de forma muito distante destes acontecimentos.

Halbwachs faz ainda uma distinção que diz respeito à natureza da memória, isto é, a memória individual, como experiência vivida, só é vista de dentro da própria experiência, com caráter interior; a memória coletiva é diferente desta última, pois é vista do ponto de vista externo, ou seja, é absorvida não pela experiência vivida, mas sim, apreendida intelectualmente e advêm dos livros, revistas, escola e outras fontes. Segundo Halbwachs (1990, p.53-54)

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

Estes dois tipos distintos de memória, por terem naturezas e se manifestarem de formas diferentes, acabam por se constituir também de outra forma, o que implica em processos distintos de produção de uma e de outra. Assim:

[. . .] algumas vezes limitamo-nos a observar que nosso passado compreende duas espécies de elementos: aqueles que nos é possível evocar quando queremos: e aqueles que, ao contrário, não atendem ao nosso apelo, se bem que, logo que os procuramos no passado, parece que nossa vontade tropeça num obstáculo. Na realidade. Dos primeiros podemos dizer que estão dentro do domínio comum. No sentido em que o que nos é assim familiar, ou facilmente acessível, o é igualmente aos outros. A idéia que representamos mais facilmente, composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a idéia que os outros fazem de nós; e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós. Assim, os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. Essas lembranças estão para "todo o mundo" dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. Dos segundos, daqueles que não podemos nos lembrar à vontade, diremos voluntariamente que eles não pertencem aos outros, mas a nós, porque ninguém além de nós pode conhecê-los. Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios. (HALBWACHS, 1990, p. 48-49)

Tendo em mente as contribuições de Halbwachs, as condições para abordagem de um material como o acervo do Museu Mascarenhas de Moraes torna-se muito mais instigantes e frutíferas, pois tal acervo pode ser interpretado a partir das duas opções de memória coletiva apresentadas pelo autor, isto é, a memória coletiva que está ligada a um grupo específico, e por isso sua duração esta diretamente ligada à duração deste grupo. São os laços sociais deste que dão a sustentação para sua existência e, esta é a memória coletiva propriamente dita descrita pelo autor; e o que o autor entende por história, e que está fundamentada e funciona como um quadro mais geral dos acontecimentos no decorrer do tempo.

As diferenciações entre os tipos de memórias feitas por Halbwachs mostram-se fundamentais para a abordagem arquivística de acervos e a relação que se estabelece entre estes e o público.

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem. A história divide a seqüência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. (HALBWACHS, 1990, p. 81-82).

2.2 Acervo e sua relação com a Memória

Ao considerarmos as opções de memórias apresentadas, deve-se deixar claro que aqui o objetivo é tratarmos da memória como um conhecimento do passado em vista de um acervo material. Não será trabalhada a questão da história oral³, como parte constituinte da construção de memória ao longo do trabalho. Objetiva-se aqui identificar as maneiras pela qual o indivíduo alcança a informação do acervo e evoca a sua memória a partir do dado ou mesmo cria uma inédita para substituir a já existente para si⁴.

A relação que pode ser feita entre o acervo e a memória não está ligada diretamente ao que o acervo está transmitindo, mas a capacidade do indivíduo de perceber os diferentes acessos a informação que este oferece. Assim, o acervo oferece opções de memória, tendo em vista que cada pessoa irá sentir de maneira diferente. A memória do veterano, ao visualizar um acervo, não é a mesma que um jovem que mal sabia da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Desta forma, podemos pensar - levando em conta o que foi dito acima sobre memória enquanto conceito - que esta, como faculdade de produção de conhecimento pautada na reorganização de conhecimentos prévios, ao entrar em contato com materiais históricos, assume uma forma de produção de conhecimento

³ Esta questão não é abordada no âmbito deste trabalho porque as únicas referências orais que estiveram, de alguma forma, relacionadas à pesquisa foram as dos guias do museu estudado. Mais a frente esta questão é retomada.

⁴ Neste último caso estamos pensando em pessoas que já tinham algum tipo de conhecimento prévio do assunto.

reativa, ou seja, que além de pautar-se em conhecimentos prévios também, em certa medida, depende da materialidade para tomar forma e vir à tona como um novo tipo de conhecimento. Assim sendo, um acervo tem a potencialidade tanto para produção de conhecimentos novos, como para a redefinição dos já existentes, e isto está diretamente ligado a forma como este acervo se apresenta aos que vão ao seu encontro. Os que não possuem conhecimento sobre os eventos apresentados pelo acervo podem ter sua produção dificultada, assim como aqueles que já têm certa familiaridade com o tema possivelmente não consigam ampliar seus horizontes sobre tais acontecimentos devido à forma com que estes materiais estão dispostos.

Estas relações estabelecidas entre o acervo e o público se manifestarão de múltiplas formas. Duas destas são de relevância para o trabalho; primeiro como memória coletiva, isto é, a reconstrução dos fatos ali retratados estão diretamente ligados a grupos específicos, bem como as suas experiências diretas com tais acontecimentos; segundo, como história, esta como a capacidade de apresentar um contexto mais amplo a partir das singularidades do material disponível.

3 HISTÓRICO DO ACERVO

O Museu Gaúcho da Força Expedicionária, que atualmente encontra-se instalado na cidade de São Gabriel (RS), foi fundado em 12 de janeiro de 1978 em Porto Alegre pelo veterano Tenente Antonio Reginato. O acervo estava inicialmente no prédio que fora cedido pelo Exército, até 1981, ano da morte do Tenente Reginato. A responsabilidade dos materiais passou para as mãos do presidente da Associação dos Veteranos da FEB, na época, o veterano Tenente José Conrado de Souza, que decidiu doar ao município de São Gabriel. A decisão foi tomada por ter sido esta a cidade de nascimento do comandante da Força Expedicionária Brasileira, Marechal Mascarenhas de Moraes. A instalação oficial do museu deu-se em 1992 na antiga estação ferroviária do local e encontra-se lá até os dias de hoje. O acervo da FEB divide atualmente espaço com o museu João Pedro Nunes e possui material a respeito da história do Rio Grande do Sul.

O quadro de pessoal é composto por um funcionário terceirizado, um funcionário cedido pela prefeitura e alguns militares cedidos pelo exército, sendo o senhor Adroaldo Sanhudo, militar aposentado, o curador e guia do Museu. Existe também um quadro de funcionários terceirizados que são responsáveis pela limpeza do local. Nenhum dos funcionários do Museu possui qualificação para exercer cargos no mesmo, apenas se identificam com o acervo e possuem algum conhecimento sobre a temática do museu. Não existe nenhum profissional da ciência da informação responsável pelo acervo ou que faça algum tipo de vistoria eventual ao mesmo. Todos os objetos, documentos e livros que lá se encontram estão sob total responsabilidade do senhor Sanhudo, não havendo, portanto, nenhum tipo de tratamento que vise a conservação, higienização e apresentação do acervo para o público. A prefeitura da cidade não se mostra interessada em qualificar estes funcionários ou mesmo contratar profissionais da área para administrar o acervo, atitude não coerente com o respeito que se julga ter o museu para com sua cidade, já que o mesmo é um dos atrativos turísticos e tem caráter de Museu internacional.

O museu encontra-se em um antigo casarão, que outrora foi a estação ferroviária da cidade. Em sua parte externa, é possível identificar o tanque Sherman

que o General Mascarenhas trouxe da Itália. O mesmo fica sob uma base feita de cimento, mas por ficar descoberto durante a noite, está sujeito a atos de vandalismo ou outras atividades. Existem pichações por toda sua extensão, além de estar mais propenso ao desgaste em relação ao seu modo de conservação.



Figura1 – Tanque Sherman. Fonte: arquivo pessoal.

Ao entrar no museu, nota-se a falta de cuidado e tratamento com o material histórico e, aliado a isso, temos o estado de conservação da casa, que necessita de reformas para que o acervo tenha condições mínimas para se manter seguro. Em dias de chuva, o prédio é tomado por goteiras, fazendo que o museu tenha baldes espalhados para assegurar que o material não se molhe. Existem alguns expositores que sofrem diretamente com estas goteiras, já que caem diretamente sobre o vidro. A alternativa aplicada para conter as goteiras é uma espécie de lona que é posta em sobre o expositor para que a água seja escoada. O impacto destas estas atitudes preventivas deve ser assustadora perto de seus visitantes, que ao conhecer o

Museu, deparam-se com tais situações. Para contornar estes percalços em relação à estrutura física, existe um espaço (caixa) para doações. O dinheiro arrecadado é revertido para conserto destes problemas. O Museu dispõe também de algumas opções de souvenir para os visitantes. A renda destas vendas também é revertida para melhorias no prédio. São canetas, caixas de fósforo e outros produtos como chaveiros e camisetas, que estão ligados diretamente ao Exército, não a temática do museu, com exceção das canetas e caixas de fósforo.



Figura 2 – Goteira do Museu. Fonte: arquivo pessoal.

O acervo é distribuído irregularmente e eventualmente se mistura com outros materiais que não estão necessariamente ligados a temática do museu. É composto por todos os documentos, objetos e livros vindos de Porto Alegre, além do

material do museu João Pedro Nunes, uma biblioteca sobre guerra em geral, uma coleção de telefones celulares que foram reunidos através de doações e exposições de caráter não permanente de miniatura de tanques e aviões, não necessariamente da Segunda Guerra Mundial.

Logo na entrada do prédio, encontra-se o busto do General Mascarenhas, assim como uma pintura em tamanho quase real disposta na parede. Nota-se ao longo do acervo o grande respeito e admiração pela figura do General da parte de quem organizou o material. Mesmo com profissionais responsáveis pela limpeza, percebe-se uma falta de higienização mais eficaz, a fim de evitar o cheiro característico de museu abandonado, além da visível sujeira, não apenas nos vidros dos expositores, mas por todo o local. O cheiro torna-se impossível de aguentar, fazendo com que o visitante vá respirar por alguns minutos junto à porta até entrar novamente no recinto.

Na área central do Museu encontram-se armas dispostas de modo que o visitante, sem nenhum tipo de aviso, possa encostar ou até mesmo manusear alguma das metralhadoras, prática esta que não corresponde com o correto: o visitante nunca deverá manusear o acervo. Outras armas encontram-se na parede com suas respectivas identificações, mas cobertas por vidro, incluindo uma arma alemã, uma pistola Luger que desde os tempos da Segunda Guerra era um *souvenir* valioso, ou seja, um material deste cunho histórico não deveria ficar exposto desta forma, já que ele não tem muita segurança e pode ser furtado. Seguindo pela exposição, encontramos alguns canhões e um manequim de tamanho correspondente a um homem com um uniforme original utilizado pelos pracinhas na guerra. Este uniforme não poderia estar exposto sem proteção, pois recebe poeira e sujeira do ambiente que fará com que o mesmo se degrade rapidamente, além de ser um repositório de fungos e bactérias que este uniforme com mais de 65 anos deve possuir.

É possível avistar vários expositores com os mais diversos materiais sobre a Segunda Guerra, não apenas sobre a participação do Brasil, mas materiais como capacetes de diversas nacionalidades. Além destes, vários expositores que possuem uma frente de acrílico para proteger os documentos que ficam dispostos sem uma temática uniforme para que os visitantes possam ler. A altura dos mesmos não favorece uma criança ou pessoa com estatura baixa, privando estas do

conhecimento exposto nos documentos. Dando sequencia ao museu, a abertura inicial da casa, que permitiu existir vários materiais expostos, passa para uma forma diferente de expor. São três salas interligadas, cada uma com fotos impressas em tamanho grande e expositores como os descritos anteriormente. As salas são estreitas, o que torna a visita de várias pessoas ao mesmo tempo desconfortável. Assim ocorre nas salas seguintes. A última sala é de todas a maior, composta basicamente de expositores de vidro com roupas, medalhas, fotos dos veteranos. Alguns pôsteres do período da Segunda Guerra, que foram feitos para os civis, encontram-se dispostos pelas paredes desta sala. Existem janelas nestas salas do Museu em que, observando não só pelo lado de dentro da sala, mas como por fora, constata-se a evidente incidência de luz sobre o material.

Completa o acervo uma biblioteca restrita, composta por livros que não podem ser retirados, exceto com a apresentação de um documento de próprio punho explicando o motivo pelo qual aquele livro torna-se importante para a pesquisa (qualquer que seja) e um documento do professor responsável pelo aluno. Como não há espaço nem estrutura para ter uma biblioteca, pois não há cadeiras, mesas, ela serve apenas como item de decoração do museu. Uma exposição de telefones encontra-se no mesmo espaço em que os livros estão. Foi uma exposição sobre o aniversário das telecomunicações que nunca foi desfeita e não se relaciona diretamente com a temática do museu. Em outra sala, uma exposição de miniaturas está disposta em estruturas que foram criadas para dispor alimentos em bares e lancherias, dando um aspecto de total descaso ao que está sendo mostrado. Fecha a exposição o acervo João Pedro Nunes, com material a respeito do Rio Grande do Sul, de todos os tipos, como grilhões de escravos e utensílios domésticos usados em séculos passados.

4 DIAGNÓSTICO DOS DOCUMENTOS DO MUSEU

Depois de observar o vasto acervo pelo qual o Museu de São Gabriel é composto, e neste incluem-se os acervos correspondentes a parte Museu João Pedro Nunes, além de todo o que é voltado para a temática principal que são os acervos com relação à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, percebe-se a enorme quantidade de documentos que ali se encontram em exposição. Nota-se também que os documentos não ficam em uma parte reservada, e sim, distribuídos em temáticas variadas que, por vezes, acabam não se relacionando entre si, o que proporciona uma leitura – para um leigo ou profissional – confusa e desconexa. A falta de clareza na leitura, devido à disposição do material, faz com que a percepção dos fatos e dados não se dê da melhor forma possível, pois muitos documentos que podem ser classificados e reunidos estão distribuídos ao longo do Museu, Compará-los entre si ou mesmo perceber os detalhes em comum torna-se tarefa árdua. Ao observar os detalhes do Museu, é possível identificar como a documentação foi dividida, segundo algum padrão pré-estabelecido para tais materiais ou pela intuição do profissional que organizou os acervos.

A primeira forma de exposição dos documentos que se observa dá-se ao longo da entrada do Museu, onde expositores de cortiça com base feita em metal mantêm os documentos afixados com uma base em acrílico cobrindo-os, evitando que estes sejam tocados. Neste primeiro momento, nota-se que não há uma distribuição seguindo alguma lógica arquivística ou mesmo algum tema. Os documentos estão simplesmente expostos, o que leva a crer que estes expositores já vieram de Porto Alegre desta forma e que então não havia uma preocupação em separar os documentos e sim agrupá-los para exposição. Entre estes documentos, logo na entrada, podemos identificar cartões postais ironizando os nazistas, folhetos a respeito da guerra psicológica (motivando o soldado a desistir de lutar e se entregar), tanto dos alemães para os brasileiros como dos aliados para os alemães, cartões postais tradicionais expedidos da Itália e recebidos na Itália, livreto sobre o valor da mulher durante a Segunda Guerra, mensagens positivas aos brasileiros do Quinto Exército Americano (junto ao qual o Brasil lutou), fotos de situações de guerras coladas em folhas com a explicação dos fatos datilografadas (identifica-se

então que foi feito há algum tempo e nunca foi atualizado), cartão para controle de identificação, cartão para controle de alimentação, cartão de racionamento. Estes são basicamente os documentos que estão à disposição na entrada do Museu, são os primeiros expositores vistos pelo visitante e são exclusivamente para documentos, ao contrário de boa parte de todo o acervo existente no Museu, não separa os materiais segundo seu suporte. Em todas as áreas de visitação o material encontra-se fechado e com acrílico cobrindo, não existindo a possibilidade de observar todo o documento, muito menos ler seu conteúdo, embora aparentemente estejam em bom estado de conservação para este tipo de manuseio.



Figura 3 - Panorama dos expositores cobertos com acrílico e expositores com vidro.
Fonte: arquivo pessoal.

Seguindo pelo museu, o visitante depara-se com a primeira sala, das três existentes, onde o acervo que está disposto é basicamente composto por pôsteres de fotos com as mais diversas situações durante a Guerra, como cotidiano dos soldados e a vida na Itália fora do combate. Muitas fotos do General Mascarenhas,

inclusive algumas até repetidas (nota-se o fato ao longo do Museu). A maioria das fotos não trazem informações, o que torna impossível identificá-las nem saber se são originais ou cópias. Estes documentos dividem o mínimo espaço, pois a sala é pequena e muito estreita, com estojos bélicos e cartuchos para canhão. Nesta sala não existe nenhum documento inédito ou alguma imagem que não possa ser recuperada através de alguma busca, pois são basicamente imagens amplamente divulgadas durante a Guerra, certamente encontram-se em muitos livros sobre o tema.

Na segunda sala, encontra-se um número maior de documentos arquivísticos. Jornais da época presos com os percevejos, algumas primeiras-páginas inteiras e recortes. Muitos destes estão dentro de sacos plásticos e depois presos com percevejo nos expositores. Existem também, alguns das enfermeiras que lutaram na Itália, junto a outros que se referem ao General Mascarenhas. Encontram-se também expositores de metal com base toda em vidro para os objetos na sala, dividindo espaço com alguns documentos. Há o expositor exclusivamente para objetos alemães onde está uma caderneta de instrução militar alemã e em cima, fixado na parede, há um cartaz do filme Operação Valquíria. A sala ainda é composta por expositores com cópias de fotos de campos de concentração e explicação de como se vivia em um destes, o tratamento dado aos judeus e outros prisioneiros. Em um canto há uma estante de vidro com diversos objetos incluindo frascos de remédios e muitos documentos interessantes. A pedido, foi aberta pelo curador para manuseio dos documentos. Dentre estes documentos, foi possível analisar envelopes de correspondência dos pracinhas na Itália, carteira de identidade militar de um padre que fez parte da expedição brasileira, cartilhas diversas, inclusive uma sobre uma possível invasão. As figuras 4 e 5 mostram frente e verso de um envelope presente neste armário. O documento está colado sobre um suporte de cartolina feito com uma caixa de leite. Esta sala está mais composta por objetos do que documentos: objetos alemães e brasileiros dos mais variados tipos, como cigarros, talheres, insígnias, placas de identificação.



Figura 4 – Envelope de correspondência. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 5 - Verso do envelope com cartolina de caixa suporte de leite. Fonte: arquivo pessoal.

A última sala parece ter algum tipo de coerência na distribuição de sua documentação. Esta última é a maior de todas e é composta apenas por expositores de metal com toda sua base em vidro para que os objetos possam ser identificados e analisados com calma. Existem expostas pequenas coleções de alguns veteranos e veteranas da FEB, que incluem, além de objetos pessoais e vestimentas, fotos, cartões postais, notas de falecimento retiradas de jornais, selos. Nos outros expositores há medalhas, objetos e uniformes. Nas paredes, documentos originais estão emoldurados e expostos.

Pode-se perceber que não houve escolha para a distribuição do acervo, bem como nenhum profissional da área esteve no Museu para instruir como melhor proceder com o acervo e a documentação e a melhor forma de conservá-los. A ação do tempo afetará estes documentos (que já existem há mais de 65 anos) deteriorando com grande intensidade pela forma como se encontram atualmente.

4.1 Relação dos Documentos com a Memória

Nota-se ao longo do percurso de visita ao Museu General Mascarenhas de Moraes uma infinidade de documentos arquivísticos de grande valor para a história da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e para a sociedade. Documentação esta que deveria estar recebendo um tratamento adequado de exposição e preservação. Infelizmente, ao se avaliar o objetivo da construção do acervo – vangloriar este momento histórico do Brasil – e como ele está realmente atingindo o público, fica claro que tanto a história que poderia ser contada, como a memória são perdidas entre tantos expositores confusos e sem praticamente nenhum padrão de exposição.

Sabe-se que houve uma grande dificuldade para os correspondentes de guerra (a maioria jornalistas) que foram para a Itália em nome do Brasil, em enviar informações do que se passava no cenário de guerra. Era proibido enviar informações sobre o que realmente ocorria para não entregar nenhum tipo de informação pertinente para o inimigo, além da censura no Brasil da época. O

Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) não poupava cortes no que se tratava da informação. Havia, assim, um recorte no que seria futuramente a reconstrução do momento em que viveram aqueles brasileiros, já que a informação era pouco difundida e limitada⁵. Logo, todo e qualquer documento existente sobre o período é sim muito importante e deve ser conservado e difundido da melhor forma possível para que todos possam tomar conhecimento deste momento vivido na história.

Tendo em vista a rara possibilidade de se manter um documento daquele período até hoje, mais por uma questão de falta de conhecimento da necessidade de se manter o que fora produzido ou até mesmo por ser um documento pessoal em que o soldado, por exemplo, não quis doar e sim manter consigo, o acervo documental existente no Museu General Mascarenhas de Moraes mostra-se uma importante fonte documental para o registro histórico do período. Leva-se em consideração o fato deste acervo ser um dos únicos, se não o único à disposição do público (deve-se lembrar que muitos veteranos não doaram seus acervos) para conhecimento.

Ao se levar em consideração todos estes fatos em que a documentação do Museu está inserida, uma questão pode ser levantada. Cumpre, então, o papel de disseminador da informação e da memória sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial a documentação existente no Museu? Segundo a forma com a qual o material está exposto (inclui-se aí a forma com que os guias do Museu executam seu papel junto aos visitantes), somada a forma com a qual é preservada a documentação (e todo o acervo do Museu neste caso) pode-se responder que não. Não cumpre seu papel essencial de difundir a informação, para que cada indivíduo possa, a partir do que vê, construir sua reflexão a respeito dos fatos e até mesmo inserir-se na história através de sua cidadania e identificar as relações do que houve no passado com o seu presente.

Esta constatação a respeito apenas dos documentos do Museu pode ser concluída a partir de algumas observações da disposição da documentação e em alguns pontos já abordados no presente trabalho. O Museu dispõe de uma farta

⁵ Aqui podemos pensar no caso do jornalista Joel Silveira que foi correspondente de guerra na Itália do jornal Diários Associados relata em seu livro O Inverno da Guerra, as diversas comissões de censura, tanto na Itália quanto no Brasil, pelas quais suas correspondências e outros documentos deviam passar obrigatoriamente.

documentação dos mais diferentes aspectos do período ao qual se propôs a difundir, como cartazes e cartilhas com instrução para a vida civil, cartilhas para como proceder na morte de um familiar que foi para a guerra, assim como documentação do cotidiano do soldado como cartão de identificação, manual de orações do soldado brasileiro, e, até mesmo, documentação curiosa e peculiar que eventualmente atrai mais visitantes, como os folhetos a respeito de guerra psicológica. Apresenta-se toda uma visão do ocorrido através destes materiais, incitando o visitante a criar ou idealizar uma visão do que foi o Brasil na Guerra. Obviamente nenhum material é capaz de dizer o que ocorreu na Itália, mas devido a construção que se dá com todos os pequenos dados do acervo, é possível resgatar um pouco da vida na guerra como civil ou soldado.

Infelizmente, os documentos estão dispostos de forma em que o visitante acaba não relacionando alguns dados entre si para poder transformar aquela informação em conhecimento. Para um entendimento claro dos objetivos do acervo, a disposição deveria reunir documentos afins e construir então uma história para quem os acompanha. As cartas deveriam ficar todas reunidas, toda a documentação para civil deveria estar junta, o material a respeito do cotidiano na Itália em uma parte só, e assim segue. Está tudo disperso e encontra-se uma cartilha em cada região do Museu, assim como envelopes estão no mesmo expositor que outros objetos sem relação direta.

A dispersão do material causa confusão, fazendo o visitante não relacionar a informação do documento a nada. A memória acaba por não se manifestar. Seja qual for o estímulo que leve o visitante ao Museu, o mesmo deverá estar pronto para recebe-lo, com seu acervo claro e bem apresentado, considerando as condições financeiras para que o acervo chame a atenção. Desta forma, seria uma função do Museu arquivar a documentação em sua condição de documento, não como objeto, por mais que nesta situação acabe por comportar-se como tal. Na figura 6 mostra-se um exemplo de documento exibido no Museu Mascarenhas de Moraes como um objeto, dentro de um expositor de vidro (aberto pelo curador a pedido para esta pesquisa).

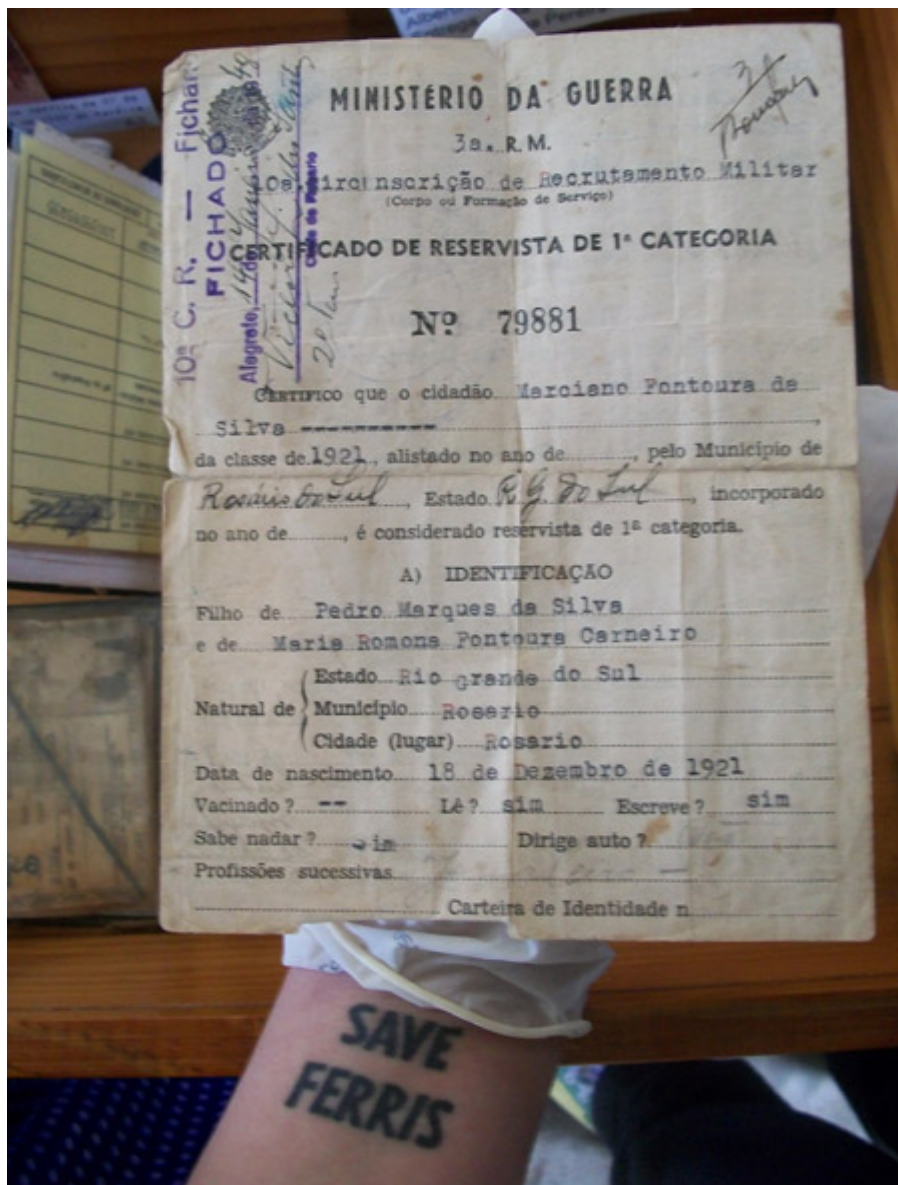


Figura 6 - Certificado de reservista original. Fonte: arquivo pessoal.

O descaso com um acervo irá sempre partir de dentro para fora. O tratamento e as preferências dadas para seu material irão definir qual público o Museu irá chamar, mas na realidade, o Museu deveria portar-se de modo a receber todos, já que estamos falando de um patrimônio da sociedade.

5 DIFUSÃO EM INSTITUIÇÕES DETENTORAS DE ACERVOS

A razão de ser de uma instituição cultural seja arquivo, biblioteca ou museu, é promover e difundir o conhecimento que se encontra ali a disposição de todos os tipos de usuários. Para que esta informação seja de conhecimento geral e que todos possam alcançar a mesma, deve-se ter em vista algumas práticas, que já existem embora sejam relativamente recentes, para a promoção ao acesso à informação. Noções de *marketing* se fazem necessárias para que os custodiadores da informação sejam capazes de expor seu produto de forma clara a aguçar seu visitante a ir conhecer seu acervo, bem como constantemente atrair novos para o local. A difusão como uma maneira de praticar o *marketing* nos arquivos é relativamente nova. No campo da Biblioteconomia existe a prática do estudo de usuários, onde bibliotecários pesquisam quais são as necessidades (que mudam constantemente) de quem procura a biblioteca para melhor oferecer o serviço. Em Arquivologia, este tipo de prática ainda é recente.

Há uma grande necessidade de se promover o estudo da difusão entre arquivistas, que por muitas vezes esquecem seu papel fundamental de promover o acesso à informação, e não apenas custodiar a documentação. Torna-se fundamental aprofundar, no âmbito da Arquivologia, do ponto de vista teórico e prático, as questões que envolvem o usuário da informação como sujeito do processo arquivístico (JARDIM; FONSECA, 2004). O arquivista foca cada vez mais suas atividades no tratamento do documento e acaba por esquecer uma das finalidades do mesmo, seu conteúdo. Também se deve questionar quem serve a quem. Seria o arquivo que serve ao arquivista ou o arquivo que serve à sociedade? A nova demanda diz que se deve ter em mente seu usuário e seus futuros usuários, pois sem estes não existe razão de ser de uma instituição acolhedora de acervos.

Atualmente, existem correntes que pregam a difusão voltada para o consumidor de informação arquivística, tendo em vista não ser possível utilizar-se de todas as doutrinas propostas por outras áreas, com suas especificidades. São públicos diferentes com necessidades diferentes, e o tratamento deve ser diferenciado.

5.1 Difusão e *Marketing* em Arquivologia

Como já comentando, utiliza-se (quando o mesmo é feito) das doutrinas de outra áreas para promover o *marketing* nos arquivos, não que esta prática seja um equívoco, mas os arquivistas estão preocupando-se com questões adversas e esquecendo seu usuário que em *marketing* chama-se de cliente. O arquivo nasce para oferecer um serviço para este cliente, para atender suas necessidades e oferecer um serviço de qualidade, com clareza e objetividade, onde este cliente seja capaz de trabalhar e alcançar o êxito em suas pesquisas através do atendimento do arquivista. Não se deve esquecer que para um arquivo estar à altura de seus usuários deve-se recorrer a todas as práticas já pré-estabelecidas pela literatura específica. E fala-se então de avaliação, higienização, restauro, descrição, arranjo e um bom acondicionamento. Passadas estas etapas, o foco torna-se o usuário, como atingir esta pessoa? Como fazer com que ela venha até o acervo conhecer este serviço que é um direito que ela tem, bem como toda a sociedade. Para tal, utiliza-se o *marketing*, e dentre estas práticas, a que este sistema de difusão oferece é o foco ao cliente, ele é a razão de ser e todas as práticas devem estar voltadas para suas necessidades. Deve-se reconhecer o público frequentador, se os serviços oferecidos estão sendo claros e suficientes para o usuário poder dispor dos mesmos e se existe atendimento feito por um profissional capacitado capaz de orientar um especialista ou mesmo um leigo.

Esta nova demanda arquivística faz com que sejam repensadas as formas como se lida atualmente a Arquivologia, esta que é integrante da Ciência da Informação e sem a mesma muito do conhecimento de hoje teria sido perdido. Passou-se da época em que se trabalhava com apenas suposições ou com profissionais que não possuíam qualificação o suficiente para administrar um arquivo. Agora pensa-se em divulgar e promover os serviços, de modo a mostrar a sociedade que os arquivos são uma forma de auto conhecimento e dos meios como se estruturava a sociedade anteriormente, não dispensando as pesquisas acadêmicas, que é a base de um arquivo.

Com as opções de *marketing* propostas por McCarthy em 1960 (MCCARTHY⁶, 1960, *apud* CONRADO, 2010) dos 4 P's (produto, preço, praça e promoção) é possível captar algumas ideias para a boa condução de um arquivo. O profissional arquivista deve ser capaz de lidar com o documento como seu meio de trabalho assim como perceber que o mesmo é fonte de informação das formas mais variadas e para os mais diversos tipos de pesquisadores. Esta é a nova demanda do profissional, e, para tanto, as Universidades que oferecem o curso de Arquivologia modificam constantemente seu currículo para adequar o estudante a estas novas realidades, para que ele saia formado e capacitado a atender seu acervo e seu público.

5.2 Difusão em Segunda Guerra Mundial sobre Acervos Pessoais

Dentro do que este trabalho se propõe que também é mostrar como funciona atualmente a disposição da informação através de documentos de acervos pessoais dos ex-veteranos brasileiros da Segunda Guerra Mundial, além de mostrar como ocorre sua exposição, guarda e difusão, deve-se lembrar de outros meios de difusão antes de se chegar ao documento propriamente dito. E para estes meios fala-se em literatura, relatos, encontros de ex-veteranos e membros da sociedade civil e militar e datas comemorativas.

Antes de buscar qualquer documento original que exista sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, recorre-se tranquilamente a uma vasta literatura sobre o assunto. Dentre estes livros encontram-se memórias de veteranos dos mais diversos tipos, como pracinhas, médicos e até mesmo altos postos, incluindo o General Mascarenhas, que guiou as atividades da Força Expedicionária Brasileira. Nestas memórias, encontram-se imagens de fotos, documentos, medalhas, cartas e acervos que se resumem nas lembranças dos que estiveram lá. Logo não se faz estritamente necessário conhecer um arquivo sobre a FEB para tomar conhecimento sobre muitos documentos do período. Existe farta literatura sobre o tema que estudiosos publicaram, contendo vasta documentação,

⁶ McCarthy, E. J. **Basic marketing**: a managerial approach. Homewood: Richard D. Irwin inc., 1960.

incluindo documentos secretos à época em que foram produzidos. A imaginação fértil e o romantismo que os livros deste tema de uma maneira ou outra propõem tira em parte a realidade dos arquivos da FEB. Mas nestes relatos torna-se impossível questionar a veracidade do que é apresentado tendo em vista tratar-se de memórias de quem passou pela Guerra, cada indivíduo viu as coisas a sua maneira. E este tema está longe de ser questionado ou debatido, deve-se apenas acatar ou não, isso fica a critério de quem busca fatos nestas fontes de informação.

Outra maneira pela qual existe a difusão da Força Expedicionária Brasileira são os encontros regionais e estaduais que os próprios ex-veteranos promovem. Eles são a memória viva dos fatos ocorridos, embora não possuam muitas vezes documentação do período (por doação ou por falta de cuidado) eles são os porta-vozes da história oral. Reúnem-se confraternizar e eventualmente relembrar fatos. Mesmo com o saudosismo que eles insistem em preservar, muitos evitam ou não falam sobre o assunto, já outros falam como se tivesse sido um passeio. São pessoas que possuem maneiras diferentes de ver os acontecimentos. Com todas as adversidades que os veteranos possam eventualmente criar, não se pode negar que são fonte crucial para pesquisas sobre o tema que envolva história oral. Mais do que o relato de livros o veterano em pessoa contando seus feitos de Guerra. São uma espécie de arquivo, são arquivos vivos. Não irão certamente lembrar-se de tudo, mas alguma informação sempre é possível captar.

A memória dos veteranos também é preservada e difundida através de datas comemorativas, desfiles (como o 7 de setembro) e o eterno saudosismo de quem não viveu e se sente vinculado a esta história. Falamos de civis e militares, onde muitos destes são filhos de veteranos e querem de alguma forma preservar a história de seu familiar. Existe uma promoção grande quanto tema quando algum artista famoso mostra publicamente seu *hobby* ao mundo e desperta a curiosidade das pessoas. Estes são meios pelos quais ocorre a promoção e a difusão deste tipo de informação, antes de se chegar ao arquivo.

5.3 Difusão no Museu Mascarenhas de Moraes em São Gabriel - RS

O Museu Mascarenhas de Moraes é conhecido (inclusive em âmbito internacional) por ser um dos maiores custodiadores de acervos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, tanto que o mesmo foi construído na cidade onde o General da FEB nasceu. Realmente possui um acervo digno para muitas pesquisas e capaz de recapitular com certa fidedignidade a história do Brasil na Segunda Guerra, porém o descaso é tão grande que o curador do mesmo deve desconhecer o significado da palavra difusão. Ela simplesmente não há, não existe uma relação harmoniosa dos moradores da cidade com o museu, relação esta que deveria envolver certo respeito e conhecimento, afinal é uma região essencialmente militar e estes deveriam estar mais atentos a sua história.

Para que o acervo existente em São Gabriel seja de interesse geral, ele deve primeiramente estar organizado e catalogado, para que se tenha domínio do que há de existente no local. Deve-se então dispor destes documentos e objetos seguindo preceitos já estabelecidos para museus para que o acervo esteja disposto de maneira clara para quem visita. Se o museu torna-se um lugar mais acolhedor, com seu acervo distribuído corretamente no espaço disponível, os funcionários do museu devem ser conhecedores do que há lá dentro e capaz de relacionar aquelas informações com outras, trazendo mais curiosidade para seus visitantes.

Outro ponto que não pode ser deixado de lado é instigar a sociedade para colaborar financeiramente, ou promover ações para que o governo dê verbas para que o museu possa fazer as reformas mínimas para que a casa se mantenha em condições de receber pessoas, bem como um melhor cuidado com o acervo, envolvendo preservação preventiva, eventuais restauros e profissionais da área trabalhando junto a instituição. Também deve-se divulgar através de materiais colocados em locais estratégicos (bibliotecas, escolas, entre outros) para atrair a atenção do público, até mesmo com exposições temáticas, que acabam por promover um giro maior de pessoas.

Toda forma de divulgar o conhecimento sempre trará visitantes para conhecer a história de um país. Uma pessoa visitará e poderá comentar com outros sua visita,

assim a informação se dissemina. Esta informação poderá vir a tornar-se conhecimento.

6 CONCLUSÕES

A experiência de realizar uma pesquisa de campo no Museu Mascarenhas de Moraes trouxe à tona as expectativas e dificuldades que ocorrem na realidade de um pesquisador em Arquivologia. Tive a grata oportunidade de conhecer ex-funcionários do Museu, ter a perspectiva destes do local em que trabalharam e de outros moradores da cidade, assim como visitantes do Museu. Pude identificar a imagem geral que se faz do Museu, contruindo uma visão ampla sobre o acervo documental e sua relação com o público. Estava entusiasmada para ver em prática alguns dos conhecimentos da Arquivologia em documentos, como esperado durante a formação no curso. Pude ter contato direto graças a boa vontade do Senhor Adroaldo, curador do Museu, que abriu armários para possibilitar a manipulação de documentos com a devida cautela aprendida na profissão. Infelizmente, a realidade dos acervos não condiz com o esperado por um profissional de Arquivologia.

Este trabalho trouxe motivação para continuar a trabalhar com a documentação da Segunda Guerra Mundial e prosseguir aprendendo com a Arquivologia, fazendo dela uma aliada nas mais diversas pesquisas. Mesmo com todos os percalços e adversidades que existem na área, pois sei o quanto este ofício mostra-se importante e necessário para a melhoria dos acervos. Espera-se que o Museu ganhe visibilidade e possa melhorar sua infra-estrutura para receber os visitantes e acolher mais documentos, de todos os veteranos que estão receosos de repassar seus acervos.

Já que o Museu deveria atrair seus visitantes, difundir sua informação, então como cativar quem vai atrás do Museu em busca de informações, dados, ou por pura curiosidade? O fato é que este questionamento surgiu durante o início das pesquisas para este trabalho e foi necessária uma visita de campo para melhor compreensão e clareza de que o visitante busca com critérios muito vagos a informação (turismo, recomendações, conhecidos que visitaram, pesquisas, memórias familiares) e o Museu não dispõe de uma apresentação atraente. Ocorre um conflito de interesses entre as duas partes que só é percebida com a visão externa de um pesquisador.

É bom sairmos da zona de conforto para conhecer outros locais, que são também outras frentes de trabalho, para assim afirmarmos nosso desejo por prosseguir na área.

REFERENCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CONRADO, Flavia. Difusão de arquivos. [Porto Alegre], 2010. Slides – ppt. [documento não publicado].

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado de arte. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/out04/Art_04.htm>. Acesso em: 22 set. 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21. Disponível em: < <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2067/1206>>. Acesso em: 10 set. 2010.